

LONGO E ÁRDUO É O CAMINHO, QUE DAS TREVAS LEVA À LUZ¹: APROXIMAÇÕES E CONTRASTES ENTRE A ÉTICA PROTESTANTE DE WEBER E A OBRA DE TOMÁS DE AQUINO

Geovani Bennato **TEODOSIO**²

Prof. MSc.Dinamene Gomes Godinho **SANTOS**

RESUMO

O presente artigo busca traçar aproximações teóricas entre a Ética Protestante de Max Weber e a obra de Tomás de Aquino. Seu objetivo principal situa-se em identificar no filósofo escolástico da Baixa Idade Média os ecos primevos do que seria descrito mais tarde pelo sociólogo alemão como “espírito” do Capitalismo; a saber, uma cultura embrionada no seio filosófico e teológico da Reforma Protestante e que ganhou maior impulso com o racionalismo econômico da elite puritana na costa leste dos Estados Unidos da América, além da Europa Ocidental, entre os séculos XIX e XX. Para isso, trilhar-se-á o caminho entre a teoria de ato e potência resinificada por Aquino, eis que fruto do pensamento primordial de Aristóteles e potencialidade da predestinação na situação do ato puro em Deus para posterior noção de vocação reformista do século XVIII, bem como a influência do asceticismo para o alcance daquilo que é caro dentro do capitalismo, já fazendo parte dos objetivos cristãos desde antes da escolástica.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia; Tomás de Aquino; Ética; Weber; Espírito do Capitalismo.

1. Introdução

Em geral o pensamento intelectual de nossa época atribui as origens da Ética Protestante de Max Weber a obras como as de Martinho Lutero, João Calvino e mais especificamente de Benjamin Franklin quanto à uma ética que poderia ser resumida em devoção ao trabalho. Contudo as influências dos reformadores protestantes são bem menos exploradas. Assim sendo, o presente artigo busca aprofundar este diálogo, inserindo a ética de Tomás de Aquino neste contexto, promovendo uma aproximação e comparações teóricas entre Aquino e Weber, com Martinho Lutero e João Calvino como ponte entre suas ideias.

¹ Frase atribuída a John Milton.

² Pós Graduação em Estudos Filosóficos - FIRA - Faculdades Integradas Regionais de Avaré - 18700-902 - Avaré/SP- Brasil - geovanibennato@hotmail.com.

Após o mercantilismo do século XVIII, o capitalismo continua sendo o sistema econômico com hegemonia ímpar em todo o globo terrestre. Seus preceitos de esforço tenaz, conquista ferrenha, competitividade feroz, e um apego pela construção do homem a partir dos desafios que lhe são impostos durante o decorrer da vida, ainda que o acaso pareça dádiva supraterrânea, são algumas das marcas que o referido sistema econômico trazem consigo desde as sua observação como agente que interfere na vida em sociedade.

Para o sociólogo Max Weber o capitalismo não teria principiado, necessariamente, pelo instinto aquisitivo – que ele próprio identifica em outros períodos históricos anteriores –, tampouco seria um simples desenvolvimento das medidas econômicas mercantilistas que caracterizam a transição do medievo para a sociedade capitalista industrial. Quando se refere ao “espírito” do capitalismo o sociólogo alemão parece falar propriamente do racionalismo econômico específico daquele momento, qual seja, o século XIX, mas que também encontra eco nos períodos posteriores, assim como no século XVIII, de onde o autor traz o exemplo de Benjamin Franklin ao dizer que:

Atualmente, esse processo de racionalização no campo da organização econômica e técnica, sem dúvidas determina uma boa parte dos ideais de via da sociedade burguesa moderna. Trabalhar a serviço de uma organização racional para suprir a humanidade de bens materiais certamente sempre representou para o espírito capitalista um dos mais importantes propósitos da via profissional. Basta, por exemplo, ler os relatos de Franklin, de seus esforços para a melhora dos aspectos cívicos na Filadélfia, para perceber claramente sua óbvia verdade (WEBER, 2016, p. 32).

No entanto, é importante que se abra um parêntesis, para se dizer que o racionalismo econômico progenitor do espírito capitalista observado em Franklin não refere-se exatamente à ética protestante fundada por homens como Lutero e Calvino. Ou, melhor dizendo, seria o primeiro um desdobramento do segundo, estando ambos, obviamente, relacionados nevrálgicamente.

Nas palavras de Weber a contribuição da Reforma esteve mais relacionada a uma negação da vida monástica – caracterizada, entre outros aspectos, pelo isolamento e contemplação – em detrimento do sentido de vocação como o cumprimento dos deveres mundanos como “o único modo de vida aceitável por Deus. Ele, e somente ele representa a vontade de Deus, e por isso qualquer vocação legítima tem exatamente o mesmo valor aos olhos de Deus” (WEBER, 2016, p. 35). A essa conotação é necessário acrescentar também que as primeiras concepções de tal expressão são creditadas³ à escolástica de São Tomás de Aquino, entre outros pensadores influentes da Baixa Idade Média; eles próprios filiando seu pensamento

³ Diga-se, de passagem, pelo próprio Max Weber (Ibidem, p. 34).

à figuras como Santo Agostinho, e através deste, Aristóteles, Platão e toda a tradição ética da Antiguidade Clássica.

Assim sendo, o presente trabalho buscará elucidar o caminho de um tal pensamento – que não principia em Aquino, como supracitado. Tomar-se-á por marco inicial a remodelação perpetrada por São Tomás de Aquino sobre a ética aristotélica a fim de apontá-la na teologia dos pais da Reforma Protestante, creditados pela introdução de concepções tais quais a vocação, devoção ao trabalho e predestinação – tanto à salvação da alma quanto ao sucesso terreno como uma expressão da primeira e reflexo tanto da vocação quanto da devoção – na cultura das sociedades anglófonas, tanto no Velho como no Novo Mundo, chegando até a *Ética Protestante* de Max Weber.

2. Tomás de Aquino, ou a ética protestante antes da Reforma

No que diz respeito ao filósofo clerical da Baixa Idade Média, há que se reforçar a relevância de seu trabalho, quando da promoção de uma reviravolta na filosofia aristotélica. São Tomás o fez ao tornar Aristóteles – cujas considerações em muitos aspectos metafísicos podiam ser consideradas, no mínimo, espinhosas quando sobrepostas à teologia da Igreja – mais adequado a um contexto histórico carregado pela dominação eclesiástica no espaço acadêmico, através de um realismo ontológico responsável por conjugar uma distinção conceitual – de essência e existência – à uma distinção real, capaz de fundamentar racionalmente os “[...] dogmas da revelação cristã, defender a ortodoxia da Igreja e dar combate às correntes consideradas heréticas” (BARAÚNA, 1988, p. 10).

Conciliando – ou, de certa forma, subordinando – a razão aristotélica e a revelação cristã, o santo escolástico identifica Deus como a manifestação empírica da essência e da existência em Aristóteles. “Capaz de fazer mover todas as engrenagens do universo, o Criador seria a causa de todas as coisas, a perfeição dentre elas e responsável por todas suas finalidades, sendo esses, entre outros, as principais sendas que levam a Deus – que n’Ele, tornar-se-ão porquanto de seu mais sublime grau de perfeição, uma só coisa” (BARAÚNA, 1988, p. 120). E por qual motivo isso se dá?

Ora, voltando à Suma Teológica de Aquino é possível perceber claramente a forma como o autor expressa sua perspectiva filosófica concernente ao ato e a potência que permeiam sua vigésima terceira questão, a saber, a da predestinação e, mais especificamente na questão vinte e cinco, onde lê-se que “[...] a matéria-prima está para a potência, como Deus, agente primeiro, para o ato. Ora, nenhum ato há na matéria-prima, em si mesma considerada. Logo,

nenhuma potência tem Deus, agente primeiro” (AQUINO, 2017, p. 310). A potência, como retratada aqui, seria a capacidade de um dado ser ou substância em estado de potência de se tornar ato, ou seja, de alcançar um patamar além daquele que se estava anteriormente, ou, trocando em miúdos, de alcançar um estado de melhoramento do ser ou da substância por meio da influência de outro ser ou substância em estado de ato, sendo Deus o ato por definição (FAITANIN, 2007, p. 131-132).

Ainda assim, a potência se transformaria em ato apenas por intermédio de um ser que já estivesse em estágio de ato. Dessa forma, o Onipotente assume a condição de ato sem potência – ao menos daquela de tipo passiva, cujo conceito em muito assemelha-se ao da inércia, para fins de clarificação –, vindo, portanto, a ser a entidade que coloca determinada potência em um ser, a fim de dotar este ser das capacidades necessárias para que o mesmo consiga se tornar em uma nova potência, e assim sucessivamente.

Para cristalizar a questão da dialética abordada por São Tomás quando da relação entre potência e ato, talvez seja interessante citar um outro filósofo, responsável – nas palavras de Robert Hartman – por “[...] desenvolver uma filosofia política sem precedentes [...] como a geometria em sua coerência, na qual o pensamento filosófico humano atingiria a expressão sistemática” (CATLIN, *apud* HARTMAN, 2012, p. 20), a saber; a dialética da Ideia de Hegel.

Em seu método –que Hartman novamente considera o intermediário entre Holbach e Marx– Hegel permite que o materialismo histórico dialético estivesse “[...] para as generalizações de Holbach como a química está para a alquimia” (HARTMAN, 2012, p. 20) Hegel trata do modo como a Ideia é o princípio universal de todas as coisas, dotada de autoconsciência de atividade e que se desdobra eternamente em sua antítese, ou seja, a Natureza, a fim de gerar uma síntese; a saber, o Espírito. Este dotado, por sua vez, da Ideia que se manifesta na Natureza e assim sucessivamente como podemos ver no seguinte trecho:

Como a Ideia-em-si se desenvolve na pureza a sua dialética lógica, assim Ideia-fora-de-si, como Natureza, se desenvolve na forma de Espaço. E o Espírito – a Ideia-em-si/e por-si-mesma – se desenvolve na forma de Tempo, o Tempo da Consciência do Espírito. O Tempo, então, é para o Espírito o que a estrutura lógica é para a Ideia. É a contrapartida concreta da Lógica no reino do Espírito, exatamente como é espaço-tempo no reino da Natureza (HARTMAN, 2012, p. 23).

Isso configura instrumento fundamental para a compreensão desta análise, uma vez que, se todas as coisas que existem estão em movimento, são desdobramentos de alguma causa, são necessárias de alguma forma, possuem algum grau de perfeição, participando de uma ordem hierárquica do universo, e Deus dispõe todas essas coisas conscientemente visando uma meta. Com isso pode-se concluir que uma tal noção assemelha-se em muito àquela da predestinação,

ou seja, o Criador, em sua sabedoria infinita, não somente está fora do tempo, mas também, por ser fora do tempo, sobre ele tem domínio de maneira a conceber todos os caminhos traçáveis por suas criaturas. Aquino explicita essa coisa quando, em sua questão vinte e três, diz que:

Convém a Deus predestinar os homens. Pois, tudo está sujeito à divina providência, como estabelecemos. Ora, à providência pertence ordenar as coisas para um fim, conforme dissemos. (...) Ora, para um ser alcançar um fim, a que não pode chegar em virtude da sua natureza, é preciso ser levado por outro, assim como a seta é impelida ao alvo pelo seteiro. Por onde, propriamente falando, a criatura racional, capaz da vida eterna, atinge-a, como que levada por Deus. E a razão dessa levada preexiste em Deus, como nele existe a razão da ordem de todas as coisas para o fim, a que chamamos providência. Pois, a razão de uma coisa ser feita, existente na mente do seu autor, é uma certa preexistência, neste, daquela. (...). Portanto, é claro que a predestinação, quanto ao seu objeto faz parte da providência (AQUINO, 2017, p. 295).

Sim, mesmo Aquino já previa a questão da predestinação em seus escritos. A transformação da potência em ato, para ele, deriva de um constructo de esforço primordial de que vem de fora pra dentro, sem ao menos perceber o ser ou substância afetada pelo ato que lhe afeta, embora trabalhando sob sua égide. Esta mesma noção que será tão cara aos reformadores de séculos seguintes. Uma vez que

[...] o fim do homem, para Santo Tomás, é o aperfeiçoamento de sua natureza, o que somente pode cumprir-se em Deus. A finalidade última das ações humanas transcenderia, portanto, o próprio homem, cuja vontade, mesmo que ele não o saiba, leva-o a dirigir-se ao ser supremo (BARAÚNA, 1988, p. 14).

Dessa forma se compreende que Deus é a causa de todas as coisas que existem no universo, principalmente da existência humana, que é dotada desde sempre de um propósito, ainda que este não seja consciente para o próprio homem. É dever transcender suas ações com a meta de honrar a perfeição sublime do Pai ao qual busca se aproximar.

3. Aquino em Weber pela graça de Lutero e Calvino

Como se pode observar, a valorização ética do processo de aperfeiçoamento do homem era a correta forma de contemplação divina em Aquino. Já que Deus criara todas as coisas com uma finalidade específica, hierarquizaras e dotaras de movimento para que cumprissem suas metas, fica claro ver porque Martinho Lutero colocava a vocação em um patamar tão especial. Assim, Weber chega a afirmar que o termo com o sentido como empregado atualmente seria fruto da própria Reforma, ao menos enquanto valorização do cumprimento dos afazeres cotidianos como a maior e mais sublime atividade ética que um sujeito poderia vir a assumir, de modo a inserir no conceito reformado uma conotação praticamente religiosa e, em muito ligada ao conceito do ascetismo. Afinal, a descoberta e o cumprimento restritivo de tal vocação

representava a realização do objetivo de cada indivíduo, predestinado pelo próprio Deus para o aperfeiçoamento deste, uma vez que, como diz Berthoud:

El agente capitalista se ve en primer lugar como una especie de monje que abandona el monasterio, en donde guardaba la disciplina y los métodos racionales en la gestión ascética de sus horas y de sus días. La doctrina de Lutero de la que él está convencido le autoriza a concebirse como un cristiano de cuerpo entero, en el que 'la vocación' no pierde nada de su valor por el hecho de responder de forma laica y en el ejercicio de su profesión. Pero también, y más aún a sus propios ojos, una individualidad moderna en la que la pre-ocupación por sí mismo y la atención exclusiva a la salud individual de su alma le lanzan hacia una comparación angustiada respecto a la suerte de los demás (BERTHOUD, 2011, p. 22-23)⁴.

Em Calvino, a concepção de predestinação tomará corpo de modo ainda mais exacerbado, uma vez que tal noção, para Berthoud, será usada exatamente para justificar o sucesso econômico de uma pessoa como a prova cabal de sua condição especial entre os eleitos de Deus. Da mesma forma é possível identificar em João Calvino ecos claros de Tomás de Aquino, quando se evidencia, entre outras coisas, a forma como a ética calvinista enxerga o homem; sendo este a imagem e semelhança de Deus – como apregoam as Sagradas Escrituras –, mas que também – ou, talvez, exatamente por isso – “[...] reflete em sua natureza, embora decaída, aqueles atributos de Deus ligados à ética e à moralidade, como o amor, a justiça, a santidade e a autodeterminação” (GOMES, 2002, p. 5). Dessa forma, e como também frisa na própria *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, o trabalho seria, em primeiro lugar, uma forma de glorificar a Deus, uma vez que

A atividade social dos cristãos no mundo é apenas uma atividade *in majorem gloria Dei*. Este caráter é, pois, partilhado pelo trabalho dentro da vocação, que propicia a vida mundana da comunidade. Mesmo em Lutero encontramos o trabalho especializado no âmbito da vocação justificado em termos de amor fraternal. O que, porém, para ele [Lutero] permaneceu incerto – pura sugestão intelectual – tornou-se para os calvinistas um elemento característico de seu sistema ético. O amor fraternal, uma vez que só poderia ser praticado pela glória de Deus e não a serviço da carne é expresso em primeiro lugar no cumprimento das tarefas diárias, dadas pela *lex naturae*; e no processo, esta obediência assume um caráter peculiarmente objetivo e impessoal, a serviço da organização racional do nosso meio social (WEBER, 2016, p. 48).

⁴ O agente capitalista é visto primeiramente como uma espécie de monge que deixa o mosteiro, onde mantém a disciplina e os métodos na gestão ascética das suas horas e dos seus dias. A doutrina de Lutero, da qual está convencido, autoriza-o a conceber-se como um cristão de corpo inteiro, no qual a "vocação" não perde nada do seu valor pelo facto de responder de modo secular e no exercício da sua profissão. Mas ele é também, e ainda mais aos seus próprios olhos, uma individualidade moderna em que a preocupação consigo mesmo e a atenção exclusiva à saúde individual de sua alma o lançam para uma comparação angustiada com o destino dos outros (BERTHOUD, 2011, p. 22-23, tradução nossa).

Vê-se claramente o ascetismo na situação da glorificação pelo trabalho, sendo o tal ascetismo não somente uma maneira religiosa de constructo de pensamento como também preceito moral responsável pela abstenção dos prazeres carnis e da mortificação dos sentidos com o objetivo de alcançar a perfeição espiritual (WEBER, 2016, p. 246). Em sua obra, Weber trata do ascetismo enquanto doutrina puritana que enxergava a riqueza com profundas reservas, eis que

O puritano desejava trabalhar em uma vocação; nós somos forçados a fazê-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora das células monásticas, para dentro da vida cotidiana, e começou a dominar a moralidade munda, ele fez sua parte na construção de um tremendo cosmos da moderna ordem econômica. Essa ordem está agora ligada às condições técnicas e econômicas de produção [...]. (WEBER, 2016, p. 246).

O trabalho não se tratava meramente de ganho material, mas de todo um constructo entranhado na vida e na sociedade do puritano, situação de fácil identificação até hoje. Todas pessoas querem traçar seu labor diário não somente para dar glória ao Criador, caso inserido num contexto de adoração, ainda mais quando se trata das religiões neopentecostais aderentes a teologia da prosperidade, mas também da glorificação de si mesmo e do próprio mercado, economia, ou seja lá o substantivo que se dá para a ficção humana que rege as relações de produção e consumo. É patente, portanto, que todos querem alcançar sua noção própria do “Reino dos Céus”, seja da forma mais “literal”, como identificado por Weber em seus estudos do século XIX, identificando os traços reformistas na sociedade capitalista contemporânea a sua existência, seja hoje em dia em o trabalho traz conforto a alma humana e poder sobre as outras almas.

Deve ser lembrado, no entanto, que a glorificação não advinha necessariamente pelo acúmulo de posses mundanas em si, mas pelo relaxamento ético e moral que um tal acúmulo poderia acarretar, portanto, desvirtuando o homem justo de sua senda predestinação por Deus à glória eterna – contudo conquistada com a privação de luxos seculares em detrimento de uma vida ordeira e plenamente dedicada ao serviço como expressão de culto ao Pai, como se pode ver no seguinte trecho:

A verdadeira objeção moral é quanto ao afrouxamento na segurança da posse, ao gozo da riqueza com o ócio consequente e às tentações da carne e, acima de tudo, ao desvio da busca de uma vida de retidão. De fato, a posse é condenável apenas por envolver tais perigos de relaxamento. Pois o eterno repouso dos santos se encontra no outro mundo; o homem sobre a terra deve, para ter certeza deste estado de graça, trabalhar naquilo que lhe foi destinado, ao longo de toda sua jornada. Não são o ócio e o prazer, mas só a atividade que serve para aumentar a glória de Deus, conforme a clara manifestação de Sua vontade. A perda de tempo é, pois, em princípio, o mais funesto dos pecados. A duração da vida humana é por demais curta e preciosa para garantir a própria escolha. A perda de tempo na vida social, em conversas ociosas, em luxos e mesmo em dormir mais que o necessário para a saúde, de seis até o máximo de oito

horas, é merecedora de absoluta condenação moral. Não se trata, pois de reafirmar, com Franklin, que tempo é dinheiro, mas a posição é verdadeira em certo sentido espiritual. Ela é infinitamente valiosa, pois que cada hora perdida é perdida para o trabalho de glorificação a Deus (WEBER, 2016, p. 74).

Uma vez dito isto, parece ser possível conjecturar como mesmo o ascetismo puritano parece imbricado pela dialética tomista concernente ao eterno dinamismo do universo principiado por Deus enquanto ato puro. Neste sentido, e como cita Weber, é possível compreender como mesmo a contemplação monástica era malvista por esses indivíduos, uma vez que o desperdício de tempo em ócio passa a ser visto como pecado e o próprio tempo deve ser gasto no cumprimento dos deveres seculares, dos quais a riqueza pode ser bem vista e aceita, quando tida por reflexo direto de uma vida inteiramente dedicada ao trabalho. A partir disso até pode-se compreender o jargão popular de que “tempo é dinheiro”, já desde a época em que Weber identificou a glorificação pelo trabalho: se perder tempo sem glorificar o Pai pelo trabalho é uma heresia sem tamanho, os frutos do trabalho advindos como dádiva do próprio Deus como recompensa do labor são resultados do esforço ora empregado para não somente a glorificação, mas da colheita dos louros posteriores. O tempo empregado para o trabalho traz frutos benéficos, em uma análise primeira, para aquele que dele dispõe em prol da edificação de si mesmo inspirado no Pai e, portanto, tempo significa recompensa e a recompensa em sua forma mais tradicional dentro da cultura macro e microeconômica capitalista é justamente a monetária. A partir disto torna-se mais fácil reconhecer a expansão do capitalismo nos séculos XIX e XX como um produto dessa forma peculiar de espiritualidade, já então enraizada na cultura burguesa anglófona como Weber faz crer em seu cânone.

4. Considerações Finais

Retomando as concepções tomistas que lhe foram legadas primeiramente por Lutero, e posteriormente por Calvino que rebuscará ainda mais as colunas teológicas do edifício de sua congregação, Max Weber acabou por sintetizar os meandros de um pensamento a se tornar uma determinada cultura. Tais princípios, quando imersos na realidade de países como Alemanha, Holanda, e Inglaterra – onde a Reforma prosperou, entre outros – criariam o ambiente necessário para que desenvolvimento do racionalismo econômico que o sociólogo traça de Oliver Cromwell – ele mesmo um professante da fé puritana – a Benjamin Franklin – já criado no seio do Calvinismo – nas Treze Colônias – inicial refúgio para colonos puritanos tanto da Inglaterra, quando da Holanda – onde essa tal ideia alcançaria seu ápice em relação à países marcadamente católicos, como Portugal, Espanha, Itália e a América Latina. Lugares onde,

apesar de implantada a industrialização – em menor escala –, a ausência de uma evolução no pensamento ético dos escolásticos medievais por intermédio dos reformadores se fez sentir quando do período histórico abordado por Weber e aqui discorrido.

Destarte, a ética tomista afigura-se, então, como um impulso primevo – após o longo intervalo desde os clássicos helenísticos até Santo Agostinho – naquilo que mais tarde seria revisto e aperfeiçoado pelos reformadores em uma essência responsável por fomentar uma nova espiritualização e que não era pautada necessariamente na ambição por posses terrenas, mas que, antes, via no cumprimento árduo dos deveres cotidianos a maneira mais sublime de adoração a Deus. Posteriormente tal cultura seria observada por Weber como o Espírito do Capitalismo, já desdobrado em outros aspectos caracterizados pela ideologia do progresso, a qual aparece resumida na assertiva de Weber sobre Franklin e sua ânsia de melhoramentos para a Filadélfia pautados na geração de empregos, uma vocação tão nobre quanto a do trabalho em si, uma vez encontrada aquela atividade que se estava predestinado a exercê-la. E por mais que o homem busque se melhorar, independente dos modos de pensamento em suas sinapses, ele sempre estará visionando, conscientemente ou não, alguma forma de recompensa ao final de seu esforço, situação ditada pelos pensamentos desde antes da Reforma.

5. Referências Bibliográficas

AQUINO, Santo Tomás de. Suma Teológica: In: Livros Católicos Para Download, 2017. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2019.

BARAÚNA, Luiz João. **Os Pensadores**. Santo Tomás e Dante. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BERTHOUD, Arnaud. El préstamo y el tipo de interés en la tradición aristotélica: Aristóteles, Tomás de Aquino y Calvino. In: Revista empresa y humanismo. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2011. Disponível em: <<https://www.unav.edu/publicaciones/revistas/index.php/empresa-y-humanismo/article/view/4215>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

FAITANIN, Paulo. A Metodologia de São Tomás de Aquino. In Aquinate, v. 3, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Faitanin-1.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2019.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes. In: Fides Reformata. São Paulo: Junta de Educação Teológica, 2002. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/historia/artigos/i_moderna/pdf/maspoli.pdf>. Acesso em: 31 jun. 2019.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **A Razão na História: Uma Introdução Geral à Filosofia da História.** São Paulo: Centauro, 2012.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2016.